



## O PAPEL DA IGREJA NO CUIDADO COM SEUS MISSIONÁRIOS

### THE ROLE OF THE CHURCH IN THE SUPPORT WITH ITS MISSIONARIES

Rubens Nascimento Teixeira<sup>1</sup>  
Angela Natel<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo objetiva compreender, através de pesquisa bibliográfica, qual é o papel que a Igreja deveria desempenhar no cuidado de seus vocacionados e comissionados. O maior exemplo de todos nesse processo de cuidado foi dado pelo próprio Senhor Jesus Cristo ao chamar, preparar e cuidar de seus discípulos enquanto esteve com eles aqui na terra. O cuidado integral do missionário é uma das atribuições da Igreja, que deve identificar, preparar, enviar e cuidar dos seus comissionados enquanto estiverem atuando e quando precisarem encerrar suas carreiras. Esse cuidado deve ainda abranger não somente o missionário, mas cônjuge e filhos, levando em consideração que todos precisam se adaptar em uma nova realidade transcultural para que o trabalho possa ser desenvolvido o mais próximo possível do planejamento. Concluiu-se que a Igreja precisa estar atenta à necessidade de cuidar adequadamente de seus missionários.

**Palavras-chave:** Cuidado do Missionário. Vocacionado. Igreja. Família do missionário.

#### ABSTRACT

This article aims to understand what is the role that the Church should have in the care of its vocational and commissioners. The greatest example of all in this care process was the Lord Jesus Christ Himself in calling, preparing, and caring for His disciples while He was with them here on the Earth. The integral care of the missionary is one of the Church's duties, which must identify, prepare, send, and care for its commissioners while they are working and when they need to end their careers. This care must also encompass not only the missionary, but spouse and children, bearing in mind that everyone needs to adapt to a new transcultural reality so that work can be

<sup>1</sup>Discente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup>Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, licenciada em Letras Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Docente do curso de Bacharelado em Teologia na Faculdade Fidelis, [angela.natel@fidelis.edu.br](mailto:angela.natel@fidelis.edu.br)

developed as closely as possible to the planning. It is intended to show that the Church needs to be aware of the need to take proper care of its missionaries.

**Palavras-chave:** Support. Missionary. Vocational. Church. Family

## INTRODUÇÃO

Quando Jesus encerrou o seu ministério aqui na terra, comissionou a Igreja<sup>3</sup> por meio dos discípulos a continuarem a obra de anunciar as boas novas a toda criatura: “*Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, [...]; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*” (Mateus 28:19-20)<sup>4</sup>. Uma das maneiras como a Igreja pode cumprir essa ordenança é identificando, capacitando e enviando missionários para o campo de trabalho transcultural. Nesse processo, ela tem a incumbência de cuidar de seus missionários e de sua família por meio de preparo adequado antes, e também através das devidas assistências durante e após toda a sua vivência missionária. É exatamente essa ideia que Rudy Girón trabalha em seu capítulo do livro “*Valioso Demais Para que se Perca*”, afirmando a importância da integração de quatro elementos básicos e vitais no processo de cuidado para com missionários, a seleção, o treinamento, o envio e o pastoreio:

Assim como líderes de igreja<sup>5</sup> não são produzidos por um instituto bíblico ou seminário, missionários não são produzidos por uma agência missionária ou centro de treinamento. Eles são produzidos primeiro por suas igrejas locais, que treinam e discipulam, reconhecem seu chamado e os testam como indivíduos e como futuros líderes e missionários. [...] uma vez no campo, os missionários precisam receber a supervisão apropriada de seu trabalho, e precisam ser pastoreados pelo pastor de sua igreja local ou pelo líder da missão, bem como pelo supervisor pastoral da agência missionária (GIRÓN, 1998, p 39-40).

O presente artigo objetiva compreender qual é o papel que a Igreja deveria desempenhar no cuidado de seus vocacionados e comissionados. Para isso serão abordados temas como a “*missio Dei*” ou Missão de Deus (que é a razão maior e o ponto de partida de toda a obra missionária não só no âmbito local, mas em todo o mundo e que vai além de simplesmente pregar o evangelho), o papel a ser desempenhado pela Igreja dentro da *missio Dei* e os pontos-chave que envolvem os cuidados necessários aos missionários que vão atuar, que estão atuando e que por algum motivo não atuam mais. Pretende-se mostrar se as Igrejas são peça fundamental na preparação dos vocacionados e no cuidado de seus missionários transculturais e o que poderiam fazer para contribuir com o trabalho dos mesmos antes do envio, durante a permanência no campo e quando retornarem seja por qual motivo for. Isso porque o cuidado com o seu missionário não

<sup>3</sup>Todas as vezes que aparecer nesse artigo a palavra Igreja com inicial maiúscula, refere-se à instituição.

<sup>4</sup>Todas as referências bíblicas usadas nesse artigo, foram extraídas da Bíblia versão Almeida Revista e Corrigida.

<sup>5</sup>Todas as vezes que aparecer nesse artigo a palavra igreja com a inicial minúscula, refere-se à igreja local, ou templo.

só assegura a possibilidade de que um bom trabalho possa ser desempenhado por ele no campo, mas garante à igreja a preservação de sua real identidade, como será devidamente esclarecido nas páginas do presente artigo.

Não constitui o objetivo desse artigo destrinchar as minúcias das atribuições da igreja dentro da *missio Dei*, mas trabalhar com um aspecto específico que é uma das obrigações da igreja dentro desse contexto: *o cuidado com o missionário transcultural por ela enviado*. Para tanto, serão abordados cinco pontos que envolvem diretamente a Igreja como cuidadora: a *missio Dei* como fundamento para as missões; a função da igreja propriamente dita; as demandas que envolvem o cuidado com os missionários; as prioridades no cuidado aos missionários; e por último, um cuidado especial para missionários solteiros que merece atenção.

## 1 A “MISSIO DEI” COMO FUNDAMENTO PARA AS MISSÕES

O termo “*missio Dei*” ou, simplesmente missão de Deus, tem raiz latina e indica que Deus está em missão. Essa missão, de acordo com Alexandre Lopes em seu livro “*A Missão de Deus*”, está claramente exposta na cruz, onde houve reconciliação, restauração e reconstrução de uma nova ponte de relacionamento entre Deus e a humanidade (LOPES, 2017, p. 15). Essa ideia é reforçada pelas palavras de Timóteo Carriker que desenvolve o que chama de “a grande história de amor”, em uma referência ao episódio da cruz, que tem sua consumação na plenitude do tempo (Gálatas 4:4)<sup>6</sup>, mas que começou muito antes já no Éden (Gênesis 3:15)<sup>7</sup>, quando se faz referência ao momento em que a cabeça da serpente será esmagada (CARRIKER, 2005, p. 14). Ainda no prefácio do mesmo livro, Timóteo faz duas afirmações que ajudam a entender melhor o panorama dos fundamentos bíblicos da missão:

A Bíblia de Gênesis 1.1 a Apocalipse 22.21, é um livro essencialmente missionário, visto que sua inspiração deriva de um Deus Missionário, o Deus que envia. Importante atentar para o significado do termo “missionário” que tanto em sua origem latina ou grega, corresponde a “enviado”. Jesus usou essa expressão para destacar o relacionamento entre Deus Pai, Deus Filho e seus discípulos, quando disse: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21). Desse modo vê-se o caráter missionário do nosso Senhor. Portanto, não é surpreendente que a sua Palavra também manifeste a mesma característica. E é à luz dessa revelação de Deus que a igreja enfrenta o maior desafio do cristianismo – a inacabada tarefa missionária, cujo âmago é a evangelização (CARRIKER, 2005, p. 11).

A *missio Dei*, em sua essência e de maneira resumida, significa também o agir de Deus no mundo em favor do próprio mundo, para que esse mundo então o reconheça como sendo o único e verdadeiro Deus, dando a Ele toda a glória que a Seu nome é devida. É com esse conceito que Christopher Wright trabalha em seu livro “*A Missão de Deus*”, ressaltando que Deus está

<sup>6</sup>“Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei”.

<sup>7</sup>“E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.

atuando através de todo o enredo narrado nas Escrituras Sagradas. O autor divide esse enredo em quatro partes que abrangem toda a Bíblia, ou seja, toda história se desenvolve em torno de um Deus que cria todas as coisas e inclusive o homem, com o propósito único que ele O glorifique em toda sua existência. A missão de Deus então, inclui o objetivo de restaurar o homem por causa do pecado e trazê-lo para dentro dessa visão bíblica de criação, queda, redenção e esperança futura, tudo isso fundamentado na ideia de que só existe um Deus, que é o criador e controlador de todas as coisas existentes no universo e que trabalha para que a humanidade o reconheça e lhe dê toda glória que lhe é devida (WRIGHT, 2014, p. 64). Bosch reforça essa ideia considerando que “a *missio Dei* é a atividade de Deus, a qual abarca tanto a igreja quanto o mundo e na qual a igreja tem o privilégio de poder participar”, conceito esse que abrange toda humanidade, uma vez que a igreja como privilegiada é o canal que Deus usa para alcançar o restante do mundo que é o Seu alvo (BOSCH, 2002, p. 469).

Essa definição mostra a importância da Igreja não como protagonista da Missão, mas como participante, exercendo um importante papel a serviço do próprio Deus em Seus propósitos. Como pontuou Bosch, ela é privilegiada por ser participante em tudo aquilo que Deus está fazendo no mundo e é a ferramenta manipulada por Ele para que o Seu propósito maior seja alcançado. Aliás, a Igreja não só é privilegiada, mas segundo as palavras de Andrew Kirk, caso não participe da missão de Deus de maneira efetiva, corre o risco de ter a sua própria identidade questionada, uma vez que, essencialmente e por natureza, a Igreja é missionária. A igreja precisa ter plena convicção de sua vocação para o trabalho missionário (KIRK, 2006, p. 51-52). Wright ainda complementa esse pensamento afirmando que “Deus não tem uma missão para a sua Igreja no mundo, mas Ele tem uma Igreja para a Sua missão no mundo” (WRIGHT, 2014, p. 62). “A missão não é primordialmente uma questão da nossa atividade ou iniciativa. Ela significa participação comprometida do povo de Deus nos propósitos Dele para a redenção de toda a criação, ou seja, a missão é de Deus” (WRIGHT, 2014, p. 68). Portanto, a missão (singular) ou “*missio Dei*” não pertence à Igreja, mas ao próprio Deus, que lhe dá o privilégio de fazer parte e realizar a Sua obra, ou seja, missões (plural) ou “*missiones ecclesiae*”<sup>8</sup>, que são os empreendimentos missionários da igreja (BOSCH, 2002, p. 28).

Deus está trabalhando em favor do restabelecimento do Seu relacionamento com a humanidade e, à Igreja, Ele dá o privilégio de ser o canal de comunicação do Evangelho para as pessoas que não o conhecem. A Igreja como instituição não pode ir a todos os lugares, mas pode preparar, enviar, manter e cuidar de pessoas para fazer esse trabalho nas mais diversas culturas.

<sup>8</sup>Termo Latino que significa missões da igreja.

## 2 A FUNÇÃO DA IGREJA

Para entender qual é a sua função, a Igreja precisa estar esclarecida quanto à natureza da sua existência, que de acordo com as ponderações de Georg Vicedom em sua obra *“A Missão Como Obra de Deus”* está atrelada única e exclusivamente à missão de Deus. De acordo com o autor, a Igreja é missionária por natureza e a não compreensão dessa verdade ameaçará o seu propósito.

Ele é o Senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante, [...] e o sujeito ativo da missão. Se atribuímos a missão desse modo a Deus, ela está isenta de todo arbítrio humano. [...] Se a igreja resiste à intenção de Deus, ela se torna desobediente e já não pode mais ser igreja no sentido divino. [...], portanto não cabe à igreja decidir se ela quer fazer missão, mas ela só pode decidir se quer ser igreja. Ela não pode determinar quando e onde será feita a missão; pois a missão sempre é iniciativa de Deus, como fica evidente sobretudo no livro de Atos dos Apóstolos (VICEDOM, 1996, p.16).

Existem milhares de missionários espalhados pelo mundo inteiro cumprindo a clara ordenança de Cristo antes de partir: *“E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”* (Marcos 16:15). Antes de dizer essas palavras aos seus discípulos e partir, Jesus os preparou durante aproximadamente três anos, ensinando-lhes princípios e valores que os conduziriam no caminho do Reino de Deus. Essa caminhada de Jesus com seus discípulos deixa transparecer que Ele não estava preocupado apenas com o desenvolvimento espiritual daqueles homens, mas com o crescimento integral, demonstrando assim um cuidado em todos os aspectos. À igreja, a partir desse *“ide”*, foi dado o privilégio de fazer parte da missão de Deus e, uma de suas funções nesse comissionamento é identificar, preparar, enviar e cuidar do missionário nos mais diversos campos de trabalho existentes, como está relatado no livro de Atos dos Apóstolos: *“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra”* (Atos 1:8). O missionário transcultural principalmente, é o representante da igreja, e esta precisa dar-lhe todo apoio necessário para que o trabalho por ele desenvolvido seja feito com excelência. Foi exatamente assim que Jesus fez com seus discípulos, ou seja, os identificou, preparou e, no devido momento, os enviou, esclarecendo ainda que estaria com eles em todo tempo – um aparente sinal de cuidado:

E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém! (Mateus 28:18-20)

Alguns teóricos argumentam sobre a importância desse apoio e cuidado para com os missionários e atribuem essa responsabilidade principalmente à Igreja em parceria com agências missionárias e outras organizações, como é o caso do psicólogo Kelly O'Donnell. Em seu livro *“O Cuidado Integral do Missionário”*, o autor esclarece que o cuidado para com os missionários necessita de investimentos constantes. O objetivo não é só a criação de departamento específico para esse fim, mas também o crescimento de todos aqueles que estão envolvidos com o trabalho missionário. Os benefícios alcançam a todos sem exceção, sejam os próprios missionários transculturais, o pessoal da administração, ou mesmo filhos e familiares, o que implica em um processo contínuo do início até o final da vida do missionário.

Cuidado missionário é um investimento contínuo de recursos pelas agências missionárias, igrejas e outras organizações missionárias para a criação e desenvolvimento do pessoal envolvido em missões. Focaliza-se em cada um que está nas missões (missionários, administração, crianças e famílias) e faz assim durante todo o curso do ciclo vital do missionário, ou seja, do recrutamento até a aposentadoria (O'DONNELL, 2004, p.17).

Como foi anteriormente esclarecido, Deus é um Deus missionário com uma missão definida e que a igreja tem o privilégio de ser participante nessa missão. Partindo dessas duas premissas, pode-se dizer que o missionário atuante faz parte da igreja de Cristo e está contribuindo para o plano maior de Deus que é restaurar toda a humanidade ao estado original. Esse missionário é um ser humano como qualquer outro membro da igreja e por isso é carente de cuidados e atenção, como afirma Bárbara Burns na obra *“Perspectivas do Cuidado Missionário”*, asseverando que o envolvimento dos responsáveis pelo envio de missionários ao campo, precisa ser de forma prática e concreta para que seja garantido sempre o bem-estar dos mesmos (BURNS, 2011, p. 18). Burns fundamenta sua ideia nos modelos bíblicos disponíveis, – Paulo, Timóteo, Epafrodito, Tíquico e Barnabé – que tanto foram enviados, quanto devidamente assistidos pela igreja primitiva. Sua ênfase encontra-se na carta aos Filipenses, onde Paulo, o autor, afirma que aquela era a mais fiel das igrejas que o apoiaram:

[...]. Nenhuma [igreja é] mais fiel do que a de Filipos. A carta que Paulo lhe enviou, em agradecimento pela oferta, se destaca em revelar profundas lições que faremos bem em aplicar hoje. Podemos aprender muito sobre a importância para Paulo dos cuidados dessa maravilhosa e fiel igreja. No início da carta, ele expressa profundo amor e gratidão. É uma carta que flui do coração e trata os membros da igreja de Filipos como se fossem amigos íntimos e irmãos da família. Não escreveu com formalismo, distância, desconfiança, arrogância ou desprezo (BURNS, 2011, p. 18).

Essa carta que o apóstolo Paulo escreve aos filipenses é rica em seu conteúdo no que diz respeito ao cuidado da igreja para com o seu enviado. A perícopes entre os versículos 10 e 14 do capítulo 4, mostra que Paulo estava muito satisfeito com a igreja, pois ela havia se lembrado dele



e demonstrado cumplicidade ao tomar até parte de suas aflições. O exemplo deixado pela igreja de Filipos em relação a Paulo mostra o cuidado que essa igreja teve para com o seu missionário:

“Ora, muito me regozijej no Senhor por, finalmente, reviver a vossa lembrança de mim; pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade. Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece. Todavia, fizestes bem em tomar parte na minha aflição” (Filipenses 4:10-14).

A forma como a igreja de Filipos tratava Paulo parece denotar uma relação de intimidade, no sentido de a igreja conhecer bem o missionário que tinha. A importância de relacionamentos mais intrínsecos como forma de cuidar melhor dos vocacionados e futuros comissionados pela igreja é trabalhada por Oswaldo Prado, que cita o fato de que algumas igrejas, já entendedoras dessa necessidade, têm nomeado por meio de seus conselhos missionários, pessoas devidamente capacitadas para desempenharem esse papel de aproximação entre as mesmas e seus vocacionados. Além do estreitamento de laços para com a igreja, o vocacionado ainda se beneficia da ausência de riscos no tocante à institucionalização do relacionamento, uma vez que essa aproximação foi pessoal e individual, assegurando ainda uma avaliação mais completa do perfil do futuro comissionado pela igreja (PRADO, 2000, p. 64-65).

Essa tarefa da igreja na *missio Dei* tem um valor imensurável na vida e no ministério do missionário, pois ter com quem dividir todas as situações que acontecem no campo tira dos ombros uma carga que é muito pesada para o missionário e sua família. Acompanhando esse raciocínio, Edison Queiroz sustenta que a tarefa da igreja está muito além de simplesmente enviar o missionário. A viagem em si já consta no escopo de responsabilidade da igreja, seja de carro, ônibus, avião, barco, ou qualquer outro meio de transporte. A igreja precisa cuidar do bem-estar dos missionários para que o seu trabalho seja realizado da melhor maneira possível. Apesar de parecer uma tarefa simples, é um trabalho que se mostra cheio de percalços devido às várias faces das dificuldades que o missionário e sua família podem enfrentar, principalmente em uma cultura diferente, como adaptações com a língua, alimentação, doenças, questões teológicas, entre outras. Queiroz defende que todas as dificuldades enfrentadas pelos missionários, são também responsabilidade da sua igreja como enviada (QUEIROZ, 1998, p. 144-145).

Outro aspecto igualmente importante em se tratando do papel da igreja em relação ao cuidado com seu missionário é desenvolvido por Dr. João Marcos Cardoso, psicólogo e membro do Cuidado Integral do Missionário (CIM)/ Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB), que defende a importância do relacionamento, para o fim de que a igreja possa conhecer

as reais necessidades de seus comissionados, pois “uma relação de cuidado começa com a ação de conhecer o outro em suas particularidades e necessidades e, dessa forma, agir de maneira precisa na assistência a esse outro” (SOUZA, 2011, p. 37). E ele ainda complementa seu ponto de vista considerando que a aproximação entre as partes é obrigação da igreja para com o vocacionado, e é uma relação de crescimento mútuo para o alcance de um objetivo comum, pois a missão é de Deus. O missionário vai para o seu campo transcultural e à igreja cabe o papel de cuidar da vida desse ser humano (SOUZA, 2011, p. 38).

A ênfase no papel da igreja como enviada e cuidadora, não exime o missionário de suas responsabilidades com o seu projeto, com sua família e com sua saúde (física, emocional e espiritual). O texto de *Filipenses 10:11-12*<sup>9</sup> mostra não só uma igreja que foi exemplo de cuidado para com seu missionário, mas também expõe um missionário maduro e consciente de que sua vida não seria nada fácil. As dificuldades eram parte da vida de Paulo, mas ele sabia conviver com elas e ainda assim, ser grato a Deus por ter sido escolhido para aquela obra.

### 3 DEMANDAS DO CUIDADO AOS MISSIONÁRIOS

Em seu livro “*Igreja Missionária, Igreja Cuidadora*” Sérgio Victalino de Mello afirma que “é preciso compreender que a palavra “*cuidado*” precisa fazer parte do vocabulário missiológico de nossas comunidades e prática em nossa missiologia” (MELLO, 2014, p. 21). Ele ainda amplia o conceito de “cuidado” usando o pensamento do Dr. Cardoso, quando esclarece que essa palavra pode ter uma diversidade enorme de sentidos, podendo ser empregada em vários campos diferentes.

A palavra “cuidado” pode expressar uma infinidade de sentidos; dentre eles, o de evitar ou afastar de determinada situação aquilo que é negativo, principalmente quando se emprega a expressão tomar cuidado. Mas o sentido que queremos ressaltar aqui diz respeito, necessariamente, ao ato de envolver-se ou de responsabilizar-se por algo ou alguém. Para isso, a palavra “cuidado” não só abrange uma série de outros campos, tais como a saúde, a segurança, os relacionamentos e outros aspectos, como também requer certa reflexão acerca do uso dela ou de sua atuação em diversas situações (SOUZA, 2011, p. 27, apud MELLO, 2014, p. 21).

Como consequência disso, Souza conclui que o uso e emprego correto dos conceitos de cuidado só são devidamente possíveis quando existe relacionamento no mínimo entre duas pessoas, pois quando uma delas precisar, a outra estará disposta a se inclinar para ajudá-la em suas necessidades.

Para que se possa aplicar esse cuidado de maneira adequada aos seus missionários, a igreja precisa conhecê-los, identificar a vocação e, a partir daí, preparar, enviar e apoiá-los enquanto

<sup>9</sup>“Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade”.



estiverem trabalhando e também quando retornarem.

### 3.1 APOIO AO VOCACIONADO ANTES DO ENVIO

O cuidado para com o missionário começa com o apoio quando ele se apresenta como vocacionado para sua igreja – por iniciativa própria ou porque a igreja identificou algum talento especial nele. Nesse instante, é necessário compreender que o vocacionado, apesar da disponibilidade e vontade de contribuir, ainda precisa de orientação e preparo adequado para que possa desenvolver essa vocação e desempenhar atividades ministeriais em sua igreja, com o intuito de ser melhor preparado para as outras etapas que virão a seguir. Mello defende a ideia que alguns pontos precisam de maior atenção e cuidado nessa fase da vida do vocacionado, como o sustento familiar, a quebra de laços e a expectativa pela nova vida, e por isso sugere que a igreja local tenha bastante atenção nos meses e semanas subsequentes ao chamado, pois são decisivos para que tudo ocorra de acordo com o planejamento (MELLO, 2014, p. 55).

#### 3.1.1 Sustento familiar

Boa parte das pessoas envolvidas com missiologia entendem que a igreja enviadora precisa ser a principal mantenedora da família missionária. Segundo Mello, “a Igreja local deve ser cúmplice dos missionários que envia, em todas as áreas, inclusive na financeira” (MELLO, 2014, p. 55). Ela precisa entender que ao comissionar alguém para qualquer tarefa que seja, estará de alguma forma indo junto com ele. A oração tem um papel fundamental nesse processo de cumplicidade, e a igreja como um todo deve atentar para a possibilidade de ser ela mesma a resposta para as orações em favor de seus comissionados, principalmente no tocante às ofertas e ao sustento necessário para o envio. A captação de parceiros mantenedores passa também pelo cuidado exercido pela igreja aos seus missionários, uma vez que os pastores e líderes tendem a ter mais contatos com outras igrejas e empresários que podem vir a se tornarem parceiros dos missionários. O acompanhamento da igreja tende a garantir um orçamento real e supridor para os missionários, não correndo também o risco de extrapolar as fronteiras de seu orçamento, o que em muitos casos gera desconforto, principalmente se o padrão de vida do missionário estiver bem acima da comunidade na qual ele estiver inserido (MELLO, 2014, p. 55-58).

O sustento financeiro é geralmente o primeiro grande desafio na caminhada do missionário e sua família. Deixar de gerar a própria renda por meio do seu trabalho profissional e passar a viver uma vida totalmente dependente de recursos alheios é, sem dúvida, um grande desafio e motivo de muita preocupação, por isso é necessário que a Igreja caminhe com seus missionários, os oriente

e os ajude na captação de recursos para os seus projetos. Edison Queiroz, citando uma pesquisa sobre a obra missionária no Brasil, afirma que uma das maiores causas do retorno antecipado de missionários é a falta de sustento financeiro adequado, ao que acrescenta: “Precisamos acabar com isso! Igrejas que não têm palavra! Dizem ao missionário que vão sustentá-lo e, de repente, cortam o sustento sem qualquer explicação, ou porque vão construir um templo novo. Que vergonha”! (QUEIROZ, 1998, p. 145). Segundo o autor, a igreja local precisa ter em mente que a obra missionária deveria ocupar o primeiro lugar na lista de prioridades da igreja, inclusive na frente até mesmo de construções de templos, pois os missionários precisam de sustento digno.

### 3.1.2 Quebra de laços relacionais com família, igreja e amigos

A quebra de laços relacionais com amigos, familiares e igreja, pode causar sérios problemas para os missionários que estão partindo para o campo transcultural. Um desses problemas pode ser a solidão que segundo Van Der Meer, em sua contribuição ao livro “*Missões Brasileiras em Resposta ao Clamor do Mundo*”, é a principal área de necessidade entre alguns missionários que foram, em sua maioria mulheres: “As missionárias solteiras podem se achar solitárias quando não fazem amizades significativas com outras pessoas e quando sentem muitas saudades da família, amigos, igreja e de outras estruturas de apoio” (VAN DER MEER, 2009, p. 178). Van Der Meer ainda menciona a situação dos filhos dos missionários, que nesse contexto precisa ser considerada de maneira cuidadosa:

As famílias brasileiras têm fortes vínculos relacionais, os filhos adultos geralmente permanecem em casa enquanto estudam na Universidade ou, muitas vezes, até que se casem. Tios, tias, avós são partes dessa estrutura familiar de apoio. Geralmente, a Igreja é uma comunidade acolhedora; por isso, estar em uma situação de solidão, sem comunicação nem apoio constantes, é uma experiência muito difícil para um missionário brasileiro. Essas mesmas características culturais os ajudam, sim, a integrarem em outras culturas, mas também podem fazer com que sintam dificuldades em enfrentar a solidão, a menos que tenham um constante acompanhamento sensível (VAN DER MEER, 2009, p. 179).

O rompimento de relacionamentos afetivos não é o único problema nesse aspecto, pois as mulheres e filhos tendem a terem vínculos com algumas coisas que para eles valem tanto quanto os relacionamentos: “A casa para a mulher é como sua cidadela, é o cumprimento do sonho de infância e adolescência. Abrir mão da casa, da mesa, geladeira [...] é muito dolorido, é como se o chão estivesse sendo retirado de debaixo dos seus pés” (MELLO, 2014, p. 60). Mello continua seu pensamento agora na visão dos filhos, indicando que é difícil imaginar as crianças se acostumando a viver sem seus brinquedos queridos. A escolha de levar um em detrimento de outros parece cruel com os pequeninos, mas são elementos, que aliados a outros mais, precisam da atenção da igreja para serem analisados e supridos para benefício de toda a família missionária.

### 3.1.3 Expectativa pela nova vida

No geral, toda mudança gera a expectativa de que as coisas se encaixem da melhor maneira e o mais rápido possível. Com a família missionária não é muito diferente, uma vez que além da apreensão natural, pela mudança de endereço, existe a preocupação pela adaptação à cultura, ao clima, aos novos companheiros de trabalho, entre outros. Nesse momento “o reforço de incentivo, companhia e oração fazem toda diferença. Saber que estarão indo para iniciar uma nova vida, mas que não estarão sozinhos, é tudo que eles precisam nesta hora” (MELLO, 2014, p. 60). Os missionários nessa fase de adaptação precisam estar atentos ao que Joed Venturini de Souza, autor do livro “*Antes do Ide*”, chama de fase de avestruz, onde aquele que está em adaptação sente o peso do choque cultural e recua frente à cultura local, ficando desorientado sem saber o que se espera dele (SOUZA, 2005, p. 44). Sobre a expectativa pela nova vida, é necessário ainda ressaltar as considerações de Van Der Meer em seu livro “*Missionários Feridos*” sobre os relacionamentos que envolvem o missionário, a liderança local e a liderança da agência (local de trabalho do missionário transcultural):

Os padrões de liderança e o significado de ser líder mudam de uma cultura para outra. Tanto os missionários quanto os líderes nacionais (ou locais) agem de acordo com sua própria cultura, e acabam se sentindo desrespeitados e criticados pelos outros. Parte necessária do treinamento pré-campo é preparar os missionários para respeitar os líderes locais, se conterem para não falar ou agir de maneira diferente do contexto em que estão, deixarem mais iniciativas com os líderes locais, ouvi-los e estarem cientes de que a responsabilidade da adaptação transcultural está sobre aqueles que chegam para servir. (VAN DER MEER, 2009, p. 145).

A ideia é diminuir ao máximo todos os possíveis agravantes que podem atrapalhar na adaptação dos missionários à nova cultura. Van Der Meer insiste na importância de que esses pensamentos que podem gerar atrito a respeito da liderança, devem ser esclarecidos na fase de preparo dos missionários, para que não sejam surpreendidos com tais situações em meio às outras prioridades concernentes à mudança.

### 3.2 APOIO NA CHEGADA AO CAMPO

A chegada do missionário e sua família ao campo de trabalho é sempre um misto de sentimentos por parte de todos os envolvidos no processo. Cada mudança tem suas particularidades e histórias que podem ser incentivos positivos ou negativos de acordo com cada experiência em particular e, segundo Mello, “qualquer alteração de nossa rotina ou da agenda em nossa vida pode gerar conflitos, dificuldades, dúvidas, ansiedades e, com certeza exigirá adaptação” (MELLO, 2014, p. 65). A esse mesmo pensamento ele acrescenta que a mudança da

família missionária não precisa nem ser tão radical para lhes causar sérias dificuldades. Qualquer mudança de cultura, seja de uma capital para o interior ou do interior para uma capital, mexe de maneira considerável com todo o estilo de vida de qualquer pessoa, por mais maleável que essa pessoa possa ser. Os sentimentos supracitados tendem a aflorar à medida que as mudanças vão acontecendo na vida e rotina dos missionários. A igreja pode minimizar os impactos que essas mudanças geram para os seus comissionados com simples iniciativas que tendem a funcionar, pois demonstram um cuidado todo especial. Incentivar visitas dos missionários ao campo antes da mudança, suprir necessidades pontuais e particulares dos membros da família e garantir a privacidade principalmente na adaptação, podem ajudar nesse processo.

Esse início da família missionária em uma cultura diferente é sempre um motivo de atenção e cuidado por parte dos responsáveis pelo envio. Além da necessidade de adequação ao novo ambiente, Souza argumenta sobre uma ideia que durante muito tempo foi alimentada em se tratando da vida do missionário transcultural. Ele condena os pensamentos que giram em torno do fato de que o missionário está totalmente pronto para resolver qualquer situação no campo de trabalho a partir do treinamento concluído. Grande parte dos possíveis problemas que os missionários vão enfrentar na sua caminhada, estão concentrados nessa fase de envio, início e adaptação no campo. Se não forem devidamente acompanhados e instruídos em todas as etapas iniciais dessa caminhada, os missionários podem ter diversos problemas, colocando em risco todo o projeto (SOUZA, 2011, p. 33).

Mesmo apesar de ter se preparado com estudos adequados (teológico e missiológico), às vezes até com treinamento a respeito, as diferenças culturais em sua essência, só serão devidamente descobertas a partir da convivência diária, isso é o que considera Mello, afirmando também que “quando essas diferenças tocam em nossa pele ou batem à nossa porta, revestem-se de significado diferente e assumem um peso que jamais poderíamos imaginar. O missionário precisa ter uma fonte de refúgio para tais impactos” (MELLO, 2014, p. 68). Nesse aspecto, em relação às dificuldades de adaptação cultural por parte dos missionários, ele destaca também a importância da agência com o papel fundamental de minimizar os impactos oriundos da nova cultura e é claro, o papel da igreja enviada que precisa ser intercessora, motivadora e cúmplice do missionário em seus momentos mais difíceis principalmente.

A ausência das pessoas que fazem parte da rede de afeto e amor dos missionários é um ponto que merece grande atenção por parte de seus cuidadores. No item quebra de laços relacionais com família, igreja e amigos, foi abordada essa questão, pois ela começa antes mesmo do envio e fica mais evidente quando a família missionária chega ao campo e se estabelece. Além

de todas as questões inerentes da adaptação cultural, alimentação, clima, entre outros, é preciso lidar com a ausência de pessoas tão queridas.

Quando vemos um missionário e sua família deixar tudo para trás, ficamos admirados de quão são abnegados por abrirem mão da casa, do emprego e, às vezes de um bom salário, a fim de irem para uma região inóspita e carente. Porém, não é essa a maior perda que sentem, isso não é nada se comparado com a perda de relacionamentos pessoais; esse é o verdadeiro tesouro de uma pessoa. A ausência do convívio com a família, com os amigos e com a Igreja é um dos maiores fatores de sofrimento de nossos comissionados (MELLO, 2014, p. 70).

Tentando se acostumar com a nova vida, os missionários necessitam ainda mais de cuidado, e é para esse ponto que Oswaldo Prado chama a atenção das igrejas que enviam comissionados ao campo, afirmando que ao se comprometerem com a obra missionária, elas precisam ter esclarecida a ideia de que seus missionários necessitam de atenção e cuidado demonstrados através de contatos por meio de telefonemas, e-mails, entre outros (PRADO, 2000, p. 88). A dor de se sentir esquecido só é sentida por quem está no campo missionário, longe de familiares, amigos e irmãos da igreja que fizeram parte de sua vida e que negligenciam um simples contato, algo que é muito valioso para o missionário e sua família.

### 3.3 O CUIDADO COM O MISSIONÁRIO EM SEU RETORNO

O retorno do missionário e sua família de um campo transcultural pode acontecer por vários motivos como por exemplo, férias, período de descanso, treinamento e até mesmo por conflitos ou não adaptação às questões culturais. A recepção e o cuidado com cada um vão variar de acordo com o motivo pelo qual o missionário está retornando ao seu local de origem. Belinda Ng, por exemplo, em *“Valioso Demais Para Que se Perca”*, trabalhando a questão de retornos prematuros, considera que a permanência longa de missionários em seu campo de trabalho passa por um cuidado pastoral contínuo que precisa ser feito tanto pelas agências quanto por suas igrejas, incluindo uma atenção especial com os filhos e com a aposentadoria. Taylor destaca a elevada taxa de retorno e a necessidade de se cuidar para que esses regressos sejam minimizados através do cuidado adequado, visando maior permanência dos obreiros em seus locais de trabalho (NG, 1998, p. 270-271).

Todo esforço no sentido de minimizar os impactos decorrentes desse retorno é válido, pois se o missionário quando saiu para o campo teve problemas com o choque cultural, o oposto também tende a ser uma realidade com a qual ele e sua família terão que lidar, é o chamado “choque reverso” como assim denomina Oswaldo Prado, que demonstra acentuada preocupação com o assunto, uma vez esse retorno pode provocar diversos problemas para o missionário e sua

família (PRADO, 2000, p. 90).

Essa etapa na vida dos missionários requer muita atenção e cuidado, pois é exatamente nesse período que ocorrem os maiores transtornos psicológicos para aqueles que estão de volta à sua antiga cultura. Algumas atitudes podem trazer resultados realmente relevantes, como os assinalados por Neal Pirolo em seu livro *“A Missão de Enviar Hoje”*: “Apanha-los no aeroporto como sinal de boas-vindas; ter um lugar já preparado para eles ficarem; ter um meio de transporte imediato para eles; fornecer refeições nos primeiros dias; leva-los para fazer compras; lembrar de seus filhos” (PIROLO, 2012, p. 198-200). Tais atitudes além de trazer conforto, confiança e segurança aos missionários, podem também aproximar o obreiro de sua igreja, fortalecendo os laços de relacionamento, ideia que também é defendida por Mello quando afirma: “Se há algo tão importante para a saúde emocional do missionário, quanto seu relacionamento com Deus, é um grupo de amigos e familiares que se importem com ele e sua família” (MELLO, 2014, p. 93).

As várias faces do retorno de missionários é um assunto que deveria ser discutido e trabalhado a todo instante em cumplicidade pelas igrejas e agências missionárias, enviada e receptora, que poderiam oferecer juntas, o cuidado para o missionário, desde o recrutamento até a sua aposentadoria, visando uma menor incidência de retornos prematuros. Esse pensamento é trabalhado por Alexandre Araújo em sua contribuição no livro *“Missões Brasileiras em Resposta ao Clamor do Mundo”*, no qual argumenta a importância de dividir a responsabilidade das duas instituições em função do benefício e preservação daquele que dedicou seu tempo, amor e conhecimento em função do Reino de Deus (ARAÚJO, 2009, p. 168). Araújo defende que a cumplicidade entre agência e igreja precisa ser demonstrada não apenas quando o missionário está sendo preparado para o envio, mas também no seu regresso. Como não está junto com seu comissionado, a igreja tem por exemplo o direito de fazer indagações, podendo até mesmo, caso seja necessário e com o consentimento da agência, ir ao posto de trabalho do seu missionário para averiguar os motivos pelos quais este possível retorno está sendo solicitado, com o objetivo de ter melhor esclarecimento da situação. A relação de confiança entre as duas instituições garantirá uma melhor solução para o caso, visando o cuidado, preservação e relocação do missionário e sua família, obviamente dependendo dos motivos averiguados para a solicitação de retorno.

#### **4 PRIORIDADES NO CUIDADO AOS MISSIONÁRIOS**

Todos os pontos até aqui abordados são extremamente importantes em se tratando do cuidado que a Igreja, principalmente como enviada, e as agências precisam ter com seus comissionados. Mas pelo menos três outros pontos precisam ser destacados, pois têm peso

considerável tanto no início quanto no decorrer da caminhada dos missionários: treinamento, saúde e filhos.

#### 4.1 TREINAMENTO

Existem muitos programas de treinamento para vocacionados ao campo missionário, tais como seminários e faculdades teológicas e missiológicas, entre vários outros cursos de capacitação. Esse preparo adequado, extremamente necessário antes do envio é de fundamental importância para o missionário principalmente se for atuar em uma cultura desconhecida e ou hostil ao evangelho. Jesus deixou um bom exemplo para ser seguido no tocante à necessidade de preparo como demonstração de cuidado, principalmente por causa dos desafios futuros que são desconhecidos pelos vocacionados. Esse modelo de preparo usado por Cristo é exposto por Bárbara Burns se referindo aos três anos investidos na formação e preparo dos seus discípulos que, como consequência, resultou na plantação da primeira Igreja, missionária por sua natureza, e responsável pela propagação do Evangelho por toda a Terra (BURNS, 2009, p. 122). Após discorrer por todas as nuances do modelo implantado por Cristo para treinar seus discípulos, Burns conclui afirmando que esse modelo foi replicado por seus discípulos ao longo da narrativa bíblica e cita os exemplos de Timóteo que foi treinado, testado e aprovado por Paulo para depois cumprir seu chamado em Éfeso e também Tito Epafrodito e Lucas que, devidamente preparados, tiveram grande contribuição para o avanço do Evangelho de Cristo. Burns dá ênfase aos bons resultados que os treinamentos coerentes com a Palavra de Deus produzem na vida e ministério dos missionários e ainda ressalta que mesmo não sendo os treinamentos uma garantia de sucesso absoluto, citando Judas como exemplo, as chances de ter missionários como Pedro, Tomé, Barnabé, Paulo e Timóteo, são bem grandes (BURNS, 2009, p. 151).

Uma visão diferente de treinamento é desenvolvida por Girón que o compara a uma grande e estruturada edificação. O autor divide essa edificação em três níveis: fundamental, eclesiástico e missionário. O nível fundamental representa os alicerces de vida em seu dia a dia, inclusive no âmbito profissional, o eclesiástico representa as colunas do discipulado, treinamento teológico e ministerial e, por fim, o último nível é o missionário que envolve os programas de treinamento específicos e o próprio envolvimento com o campo.

O nível fundamental como um todo tem a ver com a maneira como o indivíduo foi criado. Ninguém pode subtrair-se à influência do seu contexto cultural, social e familiar. [...] Deus usa e molda o que encontra na pessoa que vem a ele. [...] O treinamento bíblico tem a ver com educação formal e não formal. Ele pode ser administrado à distância ou do modo residencial. De qualquer das duas maneiras, a formação bíblica preparará o missionário para apresentar o evangelho de maneira clara aos que ainda não ouviram a mensagem da salvação. A igreja local em muitos casos



pode suprir o treinamento bíblico que o missionário necessita, se o pastor ou os líderes da igreja pessoalmente têm treinamento bíblico suficiente. [...] Ir para o campo já é uma experiência de treinamento. [...] Apesar do nível elevado de formação do missionário, ele precisa estar disposto a ser ensinado pela cultura ou igreja que o hospeda. O melhor local de treinamento para um missionário é o campo (GIRÓN, 1998, p. 43-50).

A realidade é que o preparo adequado leva tempo e o imediatismo pode ser um grande inimigo daqueles que se sentem vocacionados. Uma vez no campo e exposto às mais diversas situações como cultura, língua, perseguições, entre outros, o missionário sem o devido preparo tende a sucumbir pois, de acordo com Souza (2005, p. 17), as cobranças sobre o missionário tendem a serem proporcionais ao seu campo de trabalho, ou seja, o nível do seu treinamento precisa estar diretamente associado ao trabalho que irá desenvolver. Nesse aspecto, um ambiente hostil, carente e com muitas barreiras culturais, por exemplo, irá exigir uma maior dedicação por parte do missionário e seus enviados com relação ao modelo e tempo de preparo necessários, pois as pressões oriundas desse cenário podem decretar o fracasso do projeto.

Edison Queiroz (1998, p. 127) defende que o treinamento não só é parte do preparo do vocacionado, como também é essencial durante toda a vida do missionário no campo e delega à Igreja a responsabilidade de suprir seu comissionado com as devidas atualizações, alegando que na vida secular os profissionais de destaque geralmente são os que se preparam melhor e que se atualizam constantemente por meio de todas as ferramentas disponíveis no mercado para cada área específica. Assim sendo, a igreja como responsável pelo cuidado do seu vocacionado, e objetivando a manutenção das devidas atualizações conforme a sociedade evolui, precisa nutri-lo com palestras, cursos, encontros, etc.

#### 4.2 SAÚDE

A saúde é seguramente um aspecto de fundamental importância para o desenvolvimento de um trabalho relevante por parte dos missionários. É importante ressaltar que a saúde não se restringe à área física, mas mental e social também. Fábio Ikedo no livro “Perspectivas do Cuidado Missionário” cita uma definição da Organização Mundial da Saúde de 1948 em que “saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença. [...], inclui o bem-estar em aspectos que vão além da saúde física” (IKEDO, 2011, p. 105). Esse conceito tanto é importante quanto aumenta a responsabilidade das igrejas, agências e seus comissionados. Dipple também demonstra acentuada preocupação nesse aspecto quando registra que “agências e instituições de treinamento precisam conversar entre si e com especialistas que podem contribuir nesta área, [...]. As questões de saúde estão tendo um impacto negativo muito

grande sobre os missionários para serem deixadas por conta de cada um” (DIPPLE, 1998, p. 195).

A Bíblia relata a longa caminhada de Lucas, o médico, com Paulo em sua segunda e terceira viagens missionárias. Para Mello, esse episódio é uma prova do cuidado da Igreja de Listra para com Paulo, enviando Lucas com ele, como se fosse um “plano de saúde” (MELLO, 2014, p. 36). Analisando a passagem de *Atos 14:19-22*<sup>10</sup>, Mello chama a atenção da Igreja para a forma como os discípulos cuidaram de Paulo e os resultados diretos desse cuidado:

Ele estava curado! Seu ministério havia sido restaurado, sua vocação confirmada e seu ânimo redobrado. A Igreja cuidadora de Listra foi o instrumento de tudo isso. Louvado seja o Senhor! Precisamos de Igrejas que aprendam a levantar seus obreiros caídos. Carecemos de irmãos que fiquem em volta dos comissionados cansados, feridos, desanimados ou mesmo duvidosos. A Igreja que se declara ou deseja ser missionária, tem que lidar com situações como essa. Urge uma estrutura de cuidado em nossas comunidades que sirva de refúgio para os soldados feridos (MELLO, 2014, p. 37).

O bem-estar social dos comissionados, é uma pauta um tanto quanto complexa, pois o mal-estar provocado por conflitos entre a própria equipe no campo missionário acaba gerando desgastes que se refletem no desempenho do missionário e sua equipe. Van Der Meer relata que “há muitos incidentes de estresse e desânimo por dificuldades nos relacionamentos com outros missionários, por falta de preparo para ouvir e dar espaço a outros e por dificuldades em resolver conflitos e perdoar”. Para que haja um saudável convívio social entre os missionários, Van der Meer sugere um remédio preventivo que é aplicado no treinamento os candidatos, e nada mais é do que a experiência de fazer trabalhos com outras equipes e inclusive com uma liderança que não lhe seja favorável (VAN DER MEER, 2009, p. 179). Ainda nesse ponto, a autora faz um alerta para que quem cuida possa estar sensível à necessidade de descanso para os missionários por consequência desses e de outros problemas:

As questões psicológicas também se constituem em um item de merecida atenção para com os comissionados, algo que é defendido por vários autores dentre eles Edison Queiroz, que considera três motivos igualmente importantes pelos quais os missionários deveriam passar por uma avaliação psicológica como parte do seu preparo antes de serem enviados ao campo transcultural, para descobrir se existe algum desvio de caráter ou problema.

Em caso positivo, o candidato poderá receber tratamento antes de ir para o campo missionário. Está comprovado que, debaixo de pressões, as pessoas mostram seu verdadeiro caráter. O campo missionário é uma fonte de pressões, e se o missionário não estiver consciente de suas debilidades, não saberá como trata-las e poderá ter problemas. [...], o missionário deve conhecer os seus pontos fortes e os fracos, para explorar e concentrar seus recursos nos fortes e saber como lidar com os fracos. [...], é importante que o missionário conheça seu temperamento, a fim de poder se relacionar melhor com seus companheiros de trabalho... (QUEIROZ, 1998, p. 121-122).

<sup>10</sup>“Sobrevieram, porém, uns judeus de Antioquia e de Icônio, que, tendo convencido a multidão, apedrejaram a Paulo e o arrastaram para fora da cidade, cuidando que estava morto. Mas, rodeando-o os discípulos, levantou-se e entrou na cidade. E, no dia seguinte, saiu, com Barnabé, para Derbe. E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia, confirmando o ânimo dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus”.

O assunto saúde é cheio de variáveis e tanto uma pessoa pode ir para o campo saudável e ter problemas de saúde pela não adaptação cultural, como também o oposto pode acontecer. É isso que destaca Souza citando o caso do famoso missionário Willian Carey<sup>11</sup>: “Todos conhecemos as recomendações claras que foram dadas a Willian Carey no sentido de desistir de sua missão à Índia, pois sua saúde não suportaria o clima. Ele foi e viveu na Índia por décadas” (SOUZA, 2005, p. 27). Mas como mencionado anteriormente, o oposto também acontece com certa frequência, e o mesmo autor relata a quase fatal experiência de uma jovem que sofria de epilepsia desde a infância e esqueceu o medicamento ao ir para o campo, ficando aos pés da morte por ter seu quadro agravado em decorrência de uma crise de malária (SOUZA, 2005, p. 27). Souza segue seu raciocínio salientando a importância de o candidato fazer um check-up antes de seguir para o campo com vistas a identificar problemas que podem lhe trazer algum transtorno futuro e em condições muito adversas, check-up esse, que deve incluir toda a família, inclusive filhos.

#### 4.3 FILHOS

Criar filhos por si só e em condições normais já é uma grande responsabilidade para qualquer pai e qualquer mãe. Quando se tem o agravante da questão transcultural para os missionários, parece que as responsabilidades aumentam. De acordo com Alicia Macedo em *“Perspectivas do Cuidado Missionário”*, “o lar missionário deve ser o primeiro lugar onde o amor recíproco é posto em ação. Esta qualidade de vida serve de base para a vida ministerial. [...] Dizem que amar a esposa é o melhor presente que um pai pode dar aos filhos” (MACEDO, 2011, p. 217). Macedo dá bastante ênfase ao papel do pai como modelo de caráter e referência, ponderando que sua ausência, de maneira física ou emocional, pode ser um dos maiores causadores de revolta por parte dos filhos de missionários. Suas considerações a respeito do patriarca da família vão mais além e, a autora, faz um paralelo entre a importância da criação correta dos filhos e a necessidade de se alcançar um determinado povo com o evangelho. Nesse caso, não há prioridade – tanto os filhos quanto o povo a ser alcançado pelo evangelho – e os dois precisam ser objeto da atenção do missionário, não podendo de forma alguma priorizar um em detrimento do outro. Macedo continua seu raciocínio indicando que a ausência de referências seguras no âmbito do campo missionário pode causar sérios problemas para um filho que não vê em seu pai um suprimento vívido dessa necessidade natural de qualquer filho (MACEDO, 2011, p. 218).

A respeito da mãe, Macedo não foge muito aos conceitos padrões da sociedade, mas ressalta que ela “precisa cultivar seu relacionamento com Deus, pois quanto mais for conformada à imagem de Jesus Cristo, melhor mãe será. Cada uma precisa saber onde pode encontrar seu

<sup>11</sup> William Carey foi um ministro evangelista batista missionário inglês, conhecido como o "pai das missões modernas."

oásis, força, sabedoria e tudo o mais que é preciso” (MACEDO, 2011, p. 220). A responsabilidade da Igreja enviada fica em evidência quando o assunto é a maternidade, no sentido de apoiar quando os filhos são ainda pequenos.

Igrejas enviadoras e agências precisam dar apoio às mães no campo missionário, especialmente mães de filhos pequenos. Elas tendem a demorar para aprender a língua e a cultura, pois ficam mais em casa, e tendem, por causa disto, a sentir solidão e inutilidade. É preciso tratar deste assunto na preparação pré-campo, para que elas não sejam tomadas de surpresa e fiquem frustradas (MACEDO, 2011, p. 220).

A questão dos filhos dos missionários tem sido item de grande preocupação para igrejas e agências de um certo tempo para cá, conforme afirma Macedo. Antes a preocupação girava em torno apenas do casal, sendo reconhecida atualmente essa necessidade também de se pensar nos filhos, em se tratando dos aspectos referentes ao campo missionário (MACEDO, 2011, p. 221). O preparo físico, as condições de saúde, as questões sobre educação escolar e novas amizades são pautas importantes quando se trata dos filhos de missionários transculturais. Queiroz ressalta que para que a adaptação não seja tão impactante e corra riscos de não acontecer de maneira satisfatória, seria prudente pensar em levantamento de informações sobre as futuras instalações em que se leve em consideração as condições do clima, meio ambiente, e outras variantes que podem incidir diretamente na mudança propriamente dita (QUEIROZ, 1998, p. 146). Já Mello defende a ideia de que os filhos com idade mais avançada precisam ser consultados a respeito da caminhada vocacional dos pais, para que se sintam participantes ativos da vida comum da família e possam se preparar para as possíveis mudanças (MELLO, 2014, p. 50).

Em se tratando do envolvimento dos filhos de missionários na dinâmica da vida de seus pais, David Pollock, citado por Márcia Tostes coloca em evidência um grupo que também é necessitado de atenção especial, que são as “*crianças da terceira cultura*” (CTCs). Segundo o autor, elas são o resultado da mistura das culturas de seus pais, com a cultura na qual elas estão inseridas, onde passaram boa parte do seu período de desenvolvimento. Essa mistura acaba culminando em uma terceira cultura (POLLOCK, 1998, apud TOSTES, 2011, p. 27). Essas crianças podem sofrer com a falta de identidade ou de raízes, além do sentimento de insegurança, uma vez que essa fase tende a ser cheia de dificuldades diversas. Quando a mudança acontece, a criança perde o contato direto com os seus melhores amigos (de dentro e de fora da igreja), com seus professores e com seus familiares. Tostes elenca algumas características específicas das CTCs:

Pensam e agem de forma diferente de filhos de pais que não são missionários; relacionam-se melhor com pessoas que têm a mesma experiência [...]; costumam viajar muito, conhecem vários países e, normalmente, falam mais de um idioma; desenvolvem flexibilidade, adaptabilidade e habilidade de ajustes devido às muitas experiências em lugares diferentes; Costumam ter o senso de estar entre duas culturas,

sendo difícil responder a pergunta: ‘de onde você é?’; [...]; têm as mesmas necessidades que qualquer outro ser humano (TOSTES, 2011, p. 30).

A autora também considera que é importante que os envolvidos no cuidado com as CTCs, estejam atentos a detalhes como: atenção com as mudanças, que precisam ser programadas e as estratégias têm que variar de acordo com as faixas etárias dos filhos; a necessidade de observar se a questão educacional será prejudicada; um olhar cuidadoso ao luto de cada separação dos amigos e familiares; estar atento às crianças em se tratando de sua independência, pois pode virar solidão; e por fim, cuidar para que essas crianças não sejam soberbas em relação às outras crianças por causa de suas experiências e conhecimentos adquiridos (TOSTES, 2011, p. 32).

Mas a vida dos filhos de missionários não se resume apenas em dificuldades, pois existem alguns benefícios desfrutados por eles que somente a convivência no campo transcultural pode lhes dar. Um exemplo disso é a cosmovisão, que de acordo com Márcia Tostes, para eles é uma visão tridimensional envolvendo “conhecimento, entendimento e empatia” (TOSTES, 2011, p. 37). E os benefícios não param por aí, uma vez que Tostes ainda relaciona as vantagens em âmbito espiritual:

No nível espiritual, os filhos de missionários têm um senso mais expandido de Reino de Deus, que vai além das barreiras de país, relação familiar etc. A lealdade dos FMs aos valores cristãos também é notável, uma vez que eles convivem com outras religiões, formas de culto e até igrejas, com suas diferentes manifestações de adoração e organização, entre outros aspectos. Assim, eles podem ter grande influência em nossas igrejas, que, em sua maioria, são monoculturais. Recebemos os FMs com alegria e amor, abrindo o coração para aprendermos mais sobre o que há no mundo e para passarmos a eles ensinamentos básicos sobre a nossa cultura! (TOSTES, 2011, p. 38)

Isso lhes dá subsídios para se adaptarem em culturas diferentes e amadurecimento para que ao se tornarem adultos sejam influenciadores e pontes culturais no meio da sociedade cada vez mais voltada para si mesma.

## **5 CUIDADO ESPECIAL PARA MISSIONÁRIOS SOLTEIROS**

De acordo com as análises de Van Der Meer (2009, p.183), um grupo que precisa ser acompanhado mais de perto e de maneira especial são os missionários transculturais solteiros, principalmente as mulheres. Elas desempenham um trabalho de valor considerável e que apesar de algumas vulnerabilidades, geralmente alcançam pessoas que outros grupos dificilmente podem alcançar. Têm certa liberdade para servir, fazer viagens, facilidades de adaptação com a língua e cultura local, além de simplicidade. Essas vantagens podem esconder perigos eminentes, tais

como o fato de serem facilmente manipuladas principalmente por casais missionários por terem o coração sensível às causas sociais, podem ser envolvidas pelas necessidades do povo local. Van Der Meer alerta para que essas missionárias tenham a consciência de que o cuidado delas depende muito de si mesmas, sendo prudente o desenvolvimento de grupos de apoio e o estabelecimento de amizades sólidas para compartilhar suas particularidades.

Dos vários problemas que essas missionárias enfrentam no campo, o que está relacionado com a moradia talvez seja um dos que mais incomoda e que precisa de mais atenção como ressalta Van Der Meer, em “Cuidado Integral do Missionário”: “Morar em grupo pode trazer tensões. Morar sozinha pode trazer insegurança. E muitos líderes têm a expectativa de que as solteiras não precisam de um lugar tão apropriado quanto o reservado a casais ou famílias” (VAN DER MEER, 2004, p. 281). Outro problema está relacionado com a liderança, no sentido que, em lugares onde essas missionárias solteiras servem, geralmente os líderes são homens casados e acabam rechaçando qualquer possibilidade delas assumirem responsabilidades de liderança mesmo que sejam devidamente capacitadas para tal. O’Donnell assevera que essa liderança não deveria ser uma questão de gênero ou estado civil, mas de dons, ao que ainda acrescenta: “Além disso, a agência e a igreja devem estar muito atentas, avaliar os problemas que surgem com cuidado e procurar intervir com muita sabedoria e humildade quando eles aparecerem” (VAN DER MEER, 2004, p. 282).

Segundo August (2018, p. 175), “cabe à igreja tentar redescobrir a essência de sua natureza e vocação missionárias, pois, pelas possibilidades do Evangelho, ela tem condições de responder criativamente aos desafios com os quais se confronta”. Ao analisar as expressões significativas das missionárias solteiras brasileiras entrevistadas pela autora em sua pesquisa em campo missionário africano, ela percebeu que, “ao serem desafiadas em sua missão transcultural, conseguiram desenvolver um tipo de experiência eclesial muito rica”. Nesse sentido,

o sofrimento no campo gerou experiências de esvaziamento de si mesmas produzindo respostas inteiramente novas como, por exemplo, entender que é necessário o trabalho em equipe, e que é preciso que haja a visita dos líderes da igreja e uma melhor preparação do ponto de vista antropológico e cultural para enfrentar os desafios missionários (AUGUST, 2018, p. 175).

O cuidado espiritual empático, pelas igrejas de origem das missionárias solteiras, “no sentido de ouvir simplesmente e estar mais próxima é o que elas precisam e desejam e não respostas prontas sem compreensão da realidade emocional de cada uma delas individualmente”. Dessa forma, August entende que esse cuidado pode e deve ser uma realidade para essas mulheres solteiras que vivem em contextos de sofrimento e privações, acrescidos de seus dilemas de

conjugalidade e fé (AUGUST, 2018, p. 189). O estudo da autora empodera a voz das missionárias, principalmente “por terem vivenciado as exigências sentidas na prática, do machismo, do preconceito para com as solteiras e sem filhos, e da desconfiança, principalmente das mulheres” (AUGUST, 2018, p. 193).

E a própria experiência de estarem solteiras no campo missionário lhes confere autoridade para falar às suas igrejas e agências. Muitas foram sozinhas, convictas de seu chamado, embora suas igrejas não aprovassem o envio de solteiras. Elas percebem e comprovam a visão reinocêntrica da missão em detrimento da eclesiocêntrica, reafirmando que é Deus, o Senhor da missão, quem envia. É a *Missio dei*, daquele que primeiro enviou o seu filho (João 3.16). Elas superam os desafios culturais africanos e conquistam um lugar de atuação onde podem ser ouvidas e a mensagem transmitida. E percebem vantagens em estar como solteira para melhor atender ao chamado mesmo reconhecendo os desafios da solidão, da própria igreja de origem quando as deixa sozinhas. Por causa disso, as missionárias recomendam: “enviem equipes, não por ser solteira, mas por estar sozinha” (AUGUST, 2018, p. 193).

O cuidado com essas mulheres precisa ser contínuo pois, na mesma proporção da importância de sua contribuição, estão as dificuldades e obstáculos que querem impedir o progresso do trabalho (VAN DER MEER, 2009, p. 185-186). A autora mais uma vez entra como defensora da continuidade da obra missionária apesar desses entraves, alegando que mesmo em vista dos aparentes perigos de se enviar missionárias solteiras para lugares estressantes e de sofrimento acentuado, a necessidade da presença delas é eminente e estas sabem enfrentar essas adversidades. Elas precisam de preparo e apoio, feitos com amor e de maneira contínua.

## CONCLUSÃO

A obra missionária é na verdade realizada dentro de um grande processo iniciado e gerenciado por Deus através da chamada *Missio Dei*. Dentro de seu papel na grande comissão, a Igreja identifica, prepara, envia e cuida de seus missionários, procurando proporcionar-lhes as melhores condições possíveis para que não aconteçam os chamados retornos prematuros que colocam em risco todo o projeto missionário.

É possível perceber os desafios que a Igreja tem pela frente na difícil tarefa de cuidar dos seus comissionados. Os campos missionários são diversos e diferentes entre si, as equipes são formadas por pessoas das mais diversas culturas e os missionários pelos quais ela é responsável são pessoas sujeitas aos mesmos problemas que qualquer outra pessoa. Os entraves podem ser minimizados se a Igreja assumir a responsabilidade de cuidar dos seus missionários a partir da vocação, investindo tempo em relacionamento para um melhor trabalho de discipulado e conhecimento de suas principais necessidades. O acompanhamento do desenvolvimento teológico



e missiológico, bem como cursos e palestras para as devidas atualizações, ajudam a Igreja a filtrar possíveis problemas que o missionário eventualmente possa ter em seu campo de trabalho.

A família missionária também precisa ser assistida em sua integralidade para o benefício da expansão do Reino de Deus que resulta em glória ao Seu nome. Um dos grandes avanços no trabalho de cuidado para com os missionários foi a compreensão de que sendo parte de uma família (caso dos casados), a atenção precisa ser direcionada a cada membro inclusive com cuidados específicos para gestantes e posteriores mães, filhos (bebês, crianças, adolescentes e jovens).

A verdade é que o missionário é a Igreja lá fora em outra cultura. Quando ele está doente, a Igreja também está doente, quando é perseguido, a Igreja também é perseguida, quando sofre, a Igreja também sofre, mas quando pessoas se entregam a Cristo por meio do seu trabalho, a Igreja se regozija, pois, foi uma semente que ela plantou. Dessa forma, a relação de cumplicidade entre a Igreja e seus missionários em todos os aspectos, é uma das maiores demonstrações de cuidado mútuo que os mesmos podem expressar.

A igreja precisa se envolver mais na questão do cuidado integral de seus missionários, pois isso faz parte da sua missão como Igreja. Por ser missionária por natureza conforme afirmou Georg Vicedom<sup>12</sup> e estando envolvida com a *missio Dei*, precisa compreender que seus comissionados necessitam de suporte adequado para desempenharem sua vocação com excelência e não correrem o risco de retornarem prematuramente por falta de cuidado. Os relacionamentos devem ser mantidos, o sustento deve ser suficiente e as necessidades devem ser supridas, além das visitas que periodicamente precisam acontecer, no sentido de deixar claro para a família missionária que eles não estão sozinhos e, portanto, podem contar com a sua igreja em todos os momentos.

O bom desempenho dos missionários no campo não depende somente deles, mas é fruto do relacionamento de cumplicidade entre eles e suas igrejas, começando com a identificação da vocação, passa pelo preparo adequado e culmina com envio, onde se mantém os cuidados, garantindo ao missionário a segurança, tranquilidade e paz para fazer um trabalho relevante no local onde estiver inserido.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alexandre. Relação Igreja Agência no Envio do Missionário. In TOSTES, Silas M. (org.). **Missões Brasileiras em Resposta ao Clamor do Mundo**. João Pessoa: Betel Publicações, 2009. p. 155-168.

AUGUST, Mariluce Emerim de Melo. **Missionárias evangélicas brasileiras – conjugalidade, fé e experiência enquanto solteiras em culturas africanas**. Tese (Doutorado em Teologia) –

<sup>12</sup>(VICEDOM, 1996, p.16), conforme item 2 desse artigo.

Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018. 209 p. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/img.php?arquivo=/000072/00007219.pdf>

**BÍBLIA: Almeida Revista e Corrigida:** Tradução João Ferreira de Almeida: CPAD, 1995.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora:** Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BURNS, Bárbara H. Os Modelos de Treinamento Missionário e a Escola Missionária de Jesus. In TOSTES, Silas M. (Org.). **Missões Brasileiras em Resposta ao Clamor do Mundo.** João Pessoa: Betel Publicações, 2009. p. 119-153.

BURNS, Bárbara H. Porque Cuidar dos Missionários? In VAN DER MEER, A. L; SOUZA, J. M. C. de.; TOSTES, M. (Org.). **Perspectivas do Cuidado Missionário.** João Pessoa: Betel Publicações, 2011. p. 17-25.

CARRIKER, C. Timóteo. **A Visão Missionária na Bíblia:** Uma História de Amor. Viçosa: Ultimato, 2005.

DIPPLE, Bruce. Treinamento formal e não formal anterior ao campo. In TAYLOR, William D. (org). **Valioso Demais Para que se Perca.** Londrina: Descoberta, 1998. p. 187-200.

GIRÓN, Rodolfo Rudy. Um modelo integrado de missões. In TAYLOR, William D. (org). **Valioso Demais Para que se Perca.** Londrina: Descoberta, 1998. p. 37-57.

IKEDO, Fábio. Saúde Física do Missionário: Prevenção e Cuidado. In VAN DER MEER, A. L; SOUZA, J. M. C. de.; TOSTES, M. (org.). **Perspectivas do Cuidado Missionário.** João Pessoa: Betel Publicações, 2011. p. 105-114.

KIRK, J. Andrew. **O que é Missão?** Londrina: Descoberta, 2006.

LOPES, Mário Alexandre. **A Missão de Deus:** Conectando Vocacionados à Missões. Londrina: Descoberta, 2017.

MACEDO, Alicia Bausch. Planejamento Estratégico para a Família Missionária. In VAN DER MEER, A. L; SOUZA, J. M. C. de.; TOSTES, M. (org.). **Perspectivas do Cuidado**

**Missionário.** João Pessoa: Betel Publicações, 2011. p. 217-224.

MELLO, Sergio S. Victalino de. **Igreja missionária, Igreja cuidadora:** ajudando na tarefa de cuidar integralmente dos comissionados. Recife: Ed. Do Autor, 2014.

NG, Belinda. Reflexões sobre cuidado pastoral. In TAYLOR, William D. (org). **Valioso Demais Para que se Perca.** Londrina: Descoberta, 1998. p. 259-271.

O'DONNELL, Kelly. **Cuidado Integral do Missionário.** Londrina: Descoberta, 2004.

PIROLO, Neal. **A missão de enviar hoje.** Curitiba: Editora Jocum Brasil, 2012.

PRADO, Oswaldo. **Do Chamado ao Campo.** São Paulo: Sepal, 2000.

QUEIROZ, Edison. **Administrar Missões:** Tarefa da Igreja Local. São Paulo: Vida Nova, 1998.

SOUZA, João Marcos Cardoso de. A Ação de Cuidado em Contexto Missionário. In VAN DER MEER, A. L; SOUZA, J. M. C. de.; TOSTES, M. (org.). **Perspectivas do Cuidado Missionário.** João Pessoa: Betel Publicações, 2011. p. 115-130.

SOUZA, Joed Venturini de. **Antes do Ide:** O que você precisa saber antes de ir para o campo missionário. Rio de Janeiro: JUERP, 2005.

TOSTES, Márcia. **Filhos Longe da Pátria.** Araçariguama: Editora Vale da Benção, 2011

VAN DER MEER, Antônia Leonora. O cuidado integral do missionário. In TOSTES, Silas M. (org.). **Missões Brasileiras em Resposta ao Clamor do Mundo.** João Pessoa: Betel Publicações, 2009. p. 179.

VAN DER MEER, Antônia Leonora. Desafios para missionárias solteiras brasileiras. In O'DONNELL, Kelly (org.). **Cuidado Integral do Missionário.** Londrina: Descoberta, 2004. p. 273-283.

VAN DER MEER, Antônia Leonora. **Missionários feridos:** como cuidar dos que servem. Viçosa: Ultmato, 2009.

VAN DER MEER, Antônia Leonora; SOUZA, J. M. C. de; TOSTES, M. **Perspectivas do Cuidado Missionário:** Contribuições a Partir do Brasil. João Pessoa: Betel Publicações, 2011. p. 67-78.

VICEDOM, Georg. **A Missão como obra de Deus**: Introdução à Teologia da Missão. São<sup>5</sup> Leopoldo: Sinodal, 1996.

WRIGHT, Christopher J. H. **A Missão de Deus**: Desvendando a Grande Narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.